

HOGG, James (Ed.), **As Cartuxas de Portugal**. Ed. Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg. 1 vol. de 148 ps. 295×215. Salzburg 1984.

O presente volume devia aparecer em 1977, mas dificuldades financeiras impediram a sua publicação, que só foi possível no ano passado, em 1984, para comemorar o 8.º centénario da entrada de S. Bruno e dos seus seis companheiros para o lugar da Cartuxa na festa de S. João Baptista em 1084. Foi em 8 de Set. de 1587 que sete filhos de S. Bruno entraram na Scala Coeli, de Évora, a 1.ª Cartuxa fundada em Portugal e em 14 de Set. de 1960 outros 7 tomaram conta da mesma restaurada, depois de um século de abandono a que foi votada pela secularização decretada pelo Mata-Frades.

Neste volume estuda-se a vida da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli na sua fundação. A acção do Arc. D. Teotónio de Bragança, que chama os Cartuxos e ajudou-os em tudo o que pôde para que a Casa se fizesse o mais depressa possível.

Ele mesmo quis viver com eles o que causou algumas dificuldades por o Superior Geral não achar bem. D. Teotónio deixou-lhes a sua Biblioteca e a obra continuou terminando a construção do Claustro o D. Prior Baltazar de Faria. É o maior claustro de Portugal com 98 metros. Fez-se depois a Igreja e outras obras necessárias.

## Teologia Moral e Espiritual

VARGA, A., **Problemas de Bioética**. Ed. Gráfica Unisinos. 1 vol. de 222 ps. 230×155. S. Leopoldo 1982.

As Ciências biológicas, como a Medicina, Bioquímica e Engenharia Genética trouxeram problemas muito sérios à moral católica. Estes problemas referem-se, como é sabido, à conduta humana; ética social, política, médica, económica, dos meios de comunicação social etc.

Descreve a acção dos Piores desta Santa Instituição e mostra a projecção que eles tiveram em várias missões, por eles desempenhadas.

Mostra o estado lastimável a que chegou esta Casa depois de secularizada pelo governo liberal em 1834 e história a sua restauração pelo possuidor desta quinta e Casa. E, de facto, interessante ver como estes homens, totalmente consagrados a Deus, se santificam e santificam os outros pela oração e vida contemplativa.

Uma selecta bibliografia termina a história da Scala Coeli. Na 2.ª parte fala da Cartuxa de Lisboa de Santa Maria do Vale da Misericórdia. Mostra que os seus princípios foram semelhantes aos da de Évora, com os seus protectores e benfeitores.

Uma coisa de que eles cuidavam era da Biblioteca. Já S. Bruno dizia: somos pobres de tudo, excepto de livros. Dominavam estes frades dois ideais: amor à oração e ao estudo. Excelentes fotografias ilustram as duas Cartuxas.

Na 3.ª parte história a vida dos Cartuxos, hoje. São 34 páginas que se lêem com muita curiosidade e dão-nos uma boa ideia desta vida tão santa.

No fim tem um resumo da história destas Cartuxas em língua alemã e inglesa. A edição e as fotografias são muito perfeitas. Este livro lê-se com curiosidade e gosto, porque nos mostra como a virtude destes monges concorre para a santificação do mundo e da Igreja.

José Arieiro

apêndices: Código de Nuremberga, Declaração de Helínquia, e Código de Ética e da Associação Americana de Medicina para a Investigação Científica.

Pelo elenco dos assuntos já o leitor pode ver a importância deste livro para a formação das consciências.

O Autor estuda todos estes assuntos de maneira, sintética e, ao mesmo tempo, bastante profunda. Tem um dom especial de ser claro, de atingir o nervo da questão e com tal perfeição que todos os leitores, mesmo os que não são especializados nestas Ciências, compreendem tudo o que ele diz.

É rigorosamente seguro na doutrina e nas críticas das opiniões relativas a estas questões.

É evidente que os sacerdotes não podem ignorar, de forma alguma, estes problemas e a sua solução.

Têm, neste livro, um manual precioso para, em poucos momentos, saberem o que não de responder às pessoas, que, forçosamente, os não de consultar.

O Autor é americano e, por isso, cita, sobretudo, bibliografia americana, como se compreende, mas tal bibliografia é facilmente acessível aos leitores cultos que dominam a língua inglesa, pelo menos traduzindo-a.

Um índice remissivo ajuda os leitores a encontrar os pontos que desejam estudar.

A tradução é brasileira e a edição é boa.

José Arieiro

ESCRIVA DE BALAGUER, José María, **Temas Actuais do Cristianismo. Entrevistas com o fundador do Opus Dei**. Ed. Prumo, L.da 1 vol. de 200 ps. 200×140. Lisboa 1984.

Acaba de publicar-se a 3.ª edição do livro *Temas Actuais do Cristianismo*, compilação de algumas entrevistas concedidas por Mons. Escrivá de Balaguer, Fundador do Opus Dei, conhecida instituição da Igreja Católica, que foi em 1982 erigida pelo Papa João Paulo II como Prelatura pessoal.

A 1.ª edição portuguesa desta obra é de 1969, e não deixa de ser surpreen-

dente que, decorridos quase vinte anos, o livro não desmereça do seu título: é, efectivamente, actual.

Com efeito, os grandes Fundadores são sempre pessoas com capacidade para ver mais longe e mais fundo, antecipando-se aos tempos. Instrumentos de Deus para a criação de instituições com vocação de perpetuidade, têm uma aguda sensibilidade para o essencial e o permanente, ao mesmo tempo que destacam as novidades velhas do Evangelho, numa releitura tão ágil quanto fiel.

Não em vão Paulo VI via o Opus Dei uma «manifestação da perene juventude da Igreja» e João Paulo I ficou seduzido pelo audaz «materialismo cristão» que pregava Mons. Escrivá. «O sentido cristão autêntico — que professa a ressurreição de toda a carne — sempre combateu, como é lógico, a desencarnação, sem receio de ser julgado materialista. É lícito, portanto, falar de um materialismo cristão, que se opõe audazmente aos materialismos fechados ao espírito» (cfr. 115 o.c.). Aliás, é já um lugar comum considerá-lo um dos precursores do Concílio Vaticano II.

Pois aí está um conjunto de entrevistas sobre a Igreja, o sacerdócio, pluralismo e opinião pública no âmbito eclesial, direitos e deveres dos fiéis, especialmente dos leigos, a santificação do trabalho, o Opus Dei e a sua participação na missão da Igreja, a Mulher, a Universidade, o amor humano, etc..., concedidas a alguns dos mais qualificados órgãos da imprensa mundial.

Num homem de tão evidente e dilatada «alma sacerdotal» chama poderosamente a atenção a sua «mentalidade laical», tão precursora de novos tempos, e que tão penosa e lentamente se desprende dos textos conciliares para passar às inteligências e destas para a vida. Mas ouçamos algumas das suas respostas:

«Hoje, depois dos ensinamentos solenes do Vaticano II, ninguém na Igreja porá em dúvida a ortodoxia desta doutrina. Mas, quantos abandonaram realmente a sua concepção única do apostolado dos leigos como um trabalho pastoral organizado de cima para baixo? Quantos, superando a anterior concepção monolítica do apostolado laical, compreendem que ele possa e inclusivamente deva também existir



sem necessidade de rígidas estruturas centralizadas, missões canónicas e mandatos hierárquicos? Quantos, que qualificam o laicado de longa manus Ecclesiae, não estarão a confundir ao mesmo tempo o conceito de Igreja-Povo de Deus com o conceito mais limitado de Hierarquia? Ou ainda, quantos leigos entendem devidamente que só em delicada comunhão com a Hierarquia têm direito a reivindicar o seu âmbito legítimo de autonomia apostólica?» (cfr. 21 o.c.);

«Sempre pensei que a característica fundamental do processo de evolução do laicado é a consciencialização da dignidade da vocação cristã. A chamada de Deus, o carácter baptismal e a graça, fazem com que cada cristão possa e deva encarnar plenamente a fé. Cada cristão deve ser alter Christus, ipse Christus, presente entre os homens. O Santo Padre disse-o de maneira inequívoca: «É necessário voltar a dar toda a importância ao facto de ter recebido o sagrado baptismo, quer dizer, de ter sido enxertado, mediante esse sacramento, no Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja. (...) Ser cristão, ter recebido o baptismo, não deve ser considerado como coisa indiferente e sem valor, antes deve marcar profundamente e ditosamente a consciência de todos os baptizados» (Encíclica Ecclesiam Suam, parte I).»;

«Isto traz consigo uma visão mais profunda da Igreja, como comunidade formada por todos os fiéis, de modo que todos somos solidários numa mesma missão, que cada um deve realizar segundo as suas circunstâncias pessoais. Os leigos, graças aos impulsos do Espírito Santo, são cada vez mais conscientes de serem Igreja, de possuírem uma missão específica, sublime e necessária, uma vez que foi querida por Deus. E sabem que essa missão depende da sua própria condição de cristão, não necessariamente de um mandato da Hierarquia, embora seja evidente que deverão realizá-la em união com a Hierarquia eclesiástica e segundo os ensinamentos do Magistério: sem união com o Corpo episcopal e com a sua cabeça, o Romano Pontífice, não pode haver, para um católico, união com Cristo.» (cfr. 58 e 59 o.c.);

«o fenómeno pastoral do Opus Dei é algo que nasce de baixo, quer dizer,

da vida corrente do cristão que vive e trabalha junto dos outros homens (cfr. 62 o.c.). Não está na linha de uma mundanização — dessacralização — da vida monástica ou religiosa: não é o último estágio de aproximação dos religiosos ao mundo.»;

«Por outro lado, o progresso da história da Igreja levou a superar um certo clericalismo, que tende a desfigurá-lo tudo o que se refere aos leigos atribuindo-lhes segundas intenções. Tornou-se mais fácil, agora, entender que o que o Opus Dei vivia e proclamava era nem mais nem menos que isto: a vocação divina do cristão corrente, com um compromisso sobrenatural determinado.

Espero que chegue o momento em que a frase os católicos penetram nos ambientes sociais se deixe de dizer e que todos reparem que é uma expressão clerical.» (cfr. 66 o.c.).

Paradoxalmente (e talvez não, porque é uma síntese admirável do anteriormente dito), encerra a obra uma homilia, pronunciada no campus da Universidade de Navarra, ante dezenas de milhares de pessoas, corria o ano de 1967.

«Reflecti um momento no enquadramento da nossa Eucaristia, da nossa Acção de Graças: encontramos num templo singular; poderíamos dizer que a nave é o campus universitário; o retábulo, a Biblioteca da Universidade; além, a maquinaria que levanta novos edifícios; e, por cima, o céu de Navarra...»

Não vos confirma de uma forma plástica e inolvidável esta enumeração que o verdadeiro lugar da vossa existência cristã é a vida corrente? Meus filhos: onde estiverem os vossos irmãos, os homens; onde estiverem as vossas aspirações, o vosso trabalho, os vossos amores, aí está o sítio do vosso encontro quotidiano com Cristo. É no meio das coisas mais materiais da Terra que devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens (cfr. 113 o.c.).

Constantemente o tenho ensinado com palavras da Sagrada Escritura: o mundo não é mau, porque saiu das mãos de Deus, porque lavé olhou para ele e viu que era bom. Nós, os homens, é que o tornamos mau e feio, com os nossos pecados e as nossas infidelidades. Não duvideis, meus filhos: qualquer forma de evasão das

honestas realidades diárias é, para vós, homens e mulheres do mundo, coisa oposta à vontade de Deus.» (cfr. 114 o.c.);

«Eu vos asseguro, meus filhos, que, quando um cristão realiza com amor a mais intrascedente das acções diárias, ela transborda da transcendência de Deus. Por isso vos tenho repetido, com insistente martelar, que a vocação cristã consiste em fazer poesia heróica da prosa de cada dia. Na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a Terra. Mas não; onde se unem deveras é nos vossos corações, quando viveis santamente a vida de cada dia...» (cfr. 116 o.c.);

«Mas jamais esse cristão se lembra de pensar ou dizer que desce do templo ao mundo para representar a Igreja, e que as suas soluções são as soluções católicas daqueles problemas. Isso não pode ser, meus filhos! Isso seria clericalismo, catolicismo oficial, ou como quiserdes chamá-lo. De qualquer modo, seria violentar a natureza das coisas. Tendes de difundir por toda a parte uma verdadeira mentalidade laical, que há-de levar os cristãos a três consequências:

a serem suficientemente honrados para arcarem com a sua responsabilidade pessoal;

a serem suficientemente cristãos para respeitarem aqueles dos seus irmãos na fé que proponham — em matérias discutíveis — soluções diversas das suas;

a serem suficientemente católicos para não se servirem da nossa Mãe, a Igreja, misturando-a com partidários humanos.» (cfr. 117 o.c.).

Bem recordei que, acabada a sua leitura, de uma grande beleza formal adequada à riqueza do conteúdo, perpassou um frémito de entusiasmo na numerosa assembleia. Nessa altura ainda não vigorava a «liturgia do aplauso» e não passava pela cabeça de ninguém interromper a Missa com palmas... mas, sem as ouvir, nunca as senti tão perto.

Acima dos gostos e das modas — sempre oportunistas — a linguagem clara, franca e sobrenatural de Mons. Escrivá parece um eco fiel da palavra evangélica: «Seja o teu falar, sim sim, não não».

R. D.

## Direito Canónico

LE TOURNEAU, Dominique, **O Opus Dei**. Ed. Rei dos Livros. 1 vol. de 110 ps. 200x140. Lisboa 1985.

O livro «O Opus Dei», de Dominique Le Torneau, em boa hora editado pela Editora Rei dos Livros, tradução do n.º 2207 da colecção «Que sais-jé?», que teve profunda divulgação em França, é um elemento precioso e indispensável para conhecer o Opus Dei.

Ai se encontra uma descrição muito pormenorizada, embora necessariamente sintética, que satisfaz a curiosidade dos leitores, ultrapassando mesmo a muitos nas suas expectativas. A organização interna do Opus Dei, os compromissos que assumem os seus membros leigos ou sacerdotes seculares, são claramente descritos, bem como o apostolado que realizam, pessoalmente

ou em colaboração, e as obras apostólicas que promovem, na sua maioria em colaboração com outros cidadãos, cristãos ou não, nos diferentes países em que o Opus Dei está implantado.

O seu maior interesse reside principalmente na referência à espiritualidade de que vivem estes homens e mulheres de todos os sectores da sociedade e que gira à volta da santificação do trabalho quotidiano, das ocupações correntes do dia-a-dia: familiares, profissionais, sociais, etc. Esta vocação à santidade do quotidiano foi uma grande novidade na vida da Igreja, que se antecipou ao Vaticano II, como o testemunham várias figuras proeminentes da Igreja, como por exemplo o cardeal Luciani pouco antes de ser eleito Papa, e o próprio João Paulo II. São numerosos os textos de Mons. Escrivá recolhidos no presente volume, que ilustram e fun-